

O sindicato na luta por uma Petrobrás do povo, pro povo e com o povo

← Tweet



Lula
@LulaOficial

Não deixem de cobrar do nosso governo. Um governo não precisa de tapinha nas costas. Precisa ser cobrado todos os dias, para aprimorarmos nossa capacidade de trabalho. Cobrem, para que a gente faça. Boa noite e até amanhã!

10:30 PM · 22 de dez de 2022 · 16,3 mil Visualizações

8.338 Retweets 4.087 Comentários 110,2 mil Curtidas 575 Itens Salvos

A criação da Petrobrás, com grande mobilização popular no final dos anos 1940 e no início dos anos 1950, foi uma imensa vitória do povo trabalhador brasileiro, ainda que com limites que não devem ser negligenciados. Pra dar um pouco a dimensão dessa vitória, lembremos que havia muita pressão dos entreguistas pra que o Brasil continuasse refém dos então chamados grandes trustes internacionais, como a Shell e a Standard Oil, complementados por capitalistas privados brasileiros, tudo isso em plena Guerra Fria, e que, no mesmo ano (1953) em que a Petrobrás foi criada, pra ser a executora do (incompleto) monopólio estatal do petróleo, a Inglaterra e os Estados Unidos, junto com setores iranianos, deram um golpe no Irã, derrubando o primeiro-ministro Mohammed Mossadegh, que havia nacionalizado a indústria de óleo e gás, e colocando em seu lugar o xá Reza Pahlevi e sua implacável ditadura. É, portanto, muito importante valorizarmos a grande vitória que foi a criação da Petrobrás, pois o petróleo é uma matéria-prima especialmente estratégica. Ao mesmo tempo, é importante lembrarmos dos limites dessa vitória, como ter nascido como S.A., o monopólio estatal não ter abarcado a distribuição (sempre houve postos de gasolina da Shell, da Esso e outras empresas privadas, muitas das quais transnacionais estrangeiras, e isso continuou mesmo depois da criação da BR, que precisamos retomar), as refinarias privadas que já existiam ou que estavam em construção terem sido mantidas como privadas, desde o início a Petrobrás ter tido em seus quadros entreguistas, como seu primeiro presidente, Juracy Magalhães, que dizia que "o que é bom pros Estados Unidos é bom pro Brasil", e o povo nunca ter mandado na Petrobrás. Ter essas duas questões em mente é importante pra defender a Petrobrás, maior e mais estratégica empresa do país, como instrumento da independência energética e econômica do Brasil, indispensável pra independência política, dos ataques diretos ou disfarçados dos entreguistas e das transnacionais estrangeiras e, ao mesmo tempo, pra lutarmos [Capture a atenção do leitor com uma ótima citação do documento ou use este espaço para enfatizar um ponto-chave. Para colocar essa caixa de texto em qualquer lugar na página, basta arrastá-la.]

pra que um projeto realmente dos trabalhadores seja vitorioso. Sem essa compreensão e sem a atuação a partir dela, os partidários do entreguismo e todos os tipos de oportunistas ficam com seu caminho facilitado.

O privatismo nunca abandonou seus esforços em torno da Petrobrás. Na ditadura empresarial-militar imposta em 1964, a Petrobrás, embora tenha seguido em parte o projeto de tornar o Brasil independente no plano energético, notadamente quando, com os choques do petróleo nos anos 1970, investiu pra descobrir a Bacia de Campos, auxiliou muito agentes privados e aliados da ditadura, como o grupo Ultra, que tinha à sua frente o dinamarquês Henning Boilesen, financiador e participante da repressão, inclusive da tortura. Nos anos 1990, com o fortalecimento do neoliberalismo na esteira do fim da URSS, o privatismo cresceu muitíssimo. Collor e FHC foram privatizando mais diretamente a Petrobrás. Extinção de empresas que faziam parte do Sistema Petrobrás, aumento gigantesco da terceirização, entrada na Bolsa de Nova Iorque, orientação da empresa pra lógica de mercado, privatização da sua lógica de funcionamento, tentativa de mudar o nome da empresa pra PetroBrax e mudança do nome pra Petrobras (a retirada do acento foi justificada pela hierarquia privatista pelo fato de que em inglês não tem acento), quebra do monopólio estatal, a criação da ANP que trabalha pras transnacionais estrangeiras e pros privatistas locais... A greve petroleira de 1995, em que os trabalhadores enfrentaram inclusive a ocupação de refinarias por tanques do exército, foi fundamental pra impedir uma privatização ainda mais completa da empresa, que estava em curso. Com o Lula, houve um freio no privatismo e a empresa tornou o Pré-sal operacional e iniciou mais diretamente a orientação pra que se tornasse uma empresa integrada de energia. Ainda assim, o cerne da privatização da lógica de funcionamento permaneceu intocado. No segundo mandato da Dilma, foi iniciada a atual fase geral de privatizações eufemisticamente chamada de venda de ativos e desinvestimentos, a política de preços dos derivados começou a ser atrelada à lógica do America First e a empresa deixou de lado o projeto de se tornar uma empresa integrada de energia. A derrubada da Dilma por setores de direita, especialmente liberais, piorou muito, como era previsível, o cenário que já estava ruim. O Temer e o Bolsonaro pisaram cada vez mais no acelerador privatista, tanto vendendo ativos quanto, entre outros graves problemas, aumentando ainda mais as já muito fortes violências psicológicas contra os trabalhadores, contando com o apoio de uma parcela de trabalhadores. O Temer, com o Pedro Parente na presidência da Petrobras, implantou a política de Preços de Paridade com a Importação (PPI), prejudicando muito o povo e até a indústria brasileira (num país que já amarga uma brutal desindustrialização desde os anos 1990, em que os liberais se propuseram a destruir o legado da Era Vargas), pra favorecer grandes acionistas privados, importadores, concorrentes e os interessados na privatização ainda mais completa da Petrobras, especialmente na privatização da BR, da Liquegás e das refinarias, mas também da NTS e da TAG, entre outras. A política de Prêmio por Performance (PPP) corrói cada vez mais o já enfraquecido (pelo conjunto do privatismo) tecido

social petroleiro. A brutal redução do efetivo aumenta muito o risco de acidentes e de adoecimento na empresa. A privatização avança muito sobre o plano de saúde e o plano de previdência dos petroleiros. A política de pagamento de dividendos encheu ainda mais os cofres dos grandes acionistas privados, em detrimento de investimentos na empresa e no país. A Petrobras passou, em parte, de locomotiva do desenvolvimento do Brasil a agente do seu subdesenvolvimento.



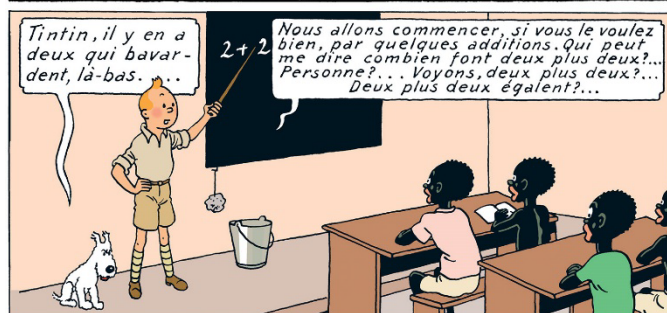
A vitória eleitoral do Lula contra o Bolsonaro foi muito importante. No próprio dia da posse, o Lula retirou a Petrobras do programa de privatização completa. Desde então, algumas medidas num sentido positivo têm sido tomadas, sempre impulsionadas sobretudo por lutas dos trabalhadores. Especificamente em relação ao PPI, o governo, com o Jean Paul Prates como presidente da empresa, tira o I da sigla. Os preços passam a não ser mais vinculados diretamente aos preços de importação. Trata-se de uma decisão importante, que merece o nosso apoio. Mas é muito insuficiente. Embora abra margem pra Petrobras adotar uma política de preços de acordo com os seus custos e o que considera importante em termos de retorno pra favorecer o investimento na empresa e no país, tende a manter os preços ainda elevados demais em relação ao bolso do povo, pois o patamar de preços já está muito alto (ou seja, vender mais barato do que os concorrentes não significa vender a um preço acessível), além do que, sem a Liquigás e a BR, fica mais difícil garantir o preço final pro consumidor, e nas regiões onde as refinarias foram privatizadas os preços continuam facilmente mais elevados pelos oligopólios privados. O botijão de gás de cozinha (gás liquefeito de petróleo - GLP) continua caríssimo pro povão (perto de 100 reais ainda). A hierarquia da empresa, inclusive a alta hierarquia e o CA, continua com muitos bolsonaristas que perseguiram muito uma grande parcela dos trabalhadores (infelizmente, também houve cúmplices entre os trabalhadores), praticando assédio e outras formas de violência psicológica, alguns tendo, inclusive, sido promovidos no novo governo. Está mais cheia ainda de liberais não bolsonaristas. Esses que atuaram muito pro privatismo. Que participaram muito ativamente do desmonte do Sistema Petrobras, de violências psicológicas muitas vezes mais sutis e mais profundas. Apesar do Prates ter liberado o acesso dos

dirigentes sindicais às instalações da empresa (que havia sido proibida com o Bolsonaro e que era uma medida ultra-mínima pra demonstrar boa-vontade pro diálogo) e de, pelo menos por enquanto, manter algum diálogo com a representação dos trabalhadores não diretamente vinculada ao governo, a empresa continua com processos judiciais anti-sindicais de momentos anteriores e essa continuação inclui movimentações já no atual governo, inclusive apresentando sindicalistas como "terroristas". O freio da privatização foi puxado, como nos outros governos do Lula, e isso é muito importante, mas o privatismo ainda está muito forte. Algumas privatizações, como o Polo Norte Capixaba e o Polo Potiguar, foram concluídas já no novo governo, ainda que tenham sido iniciadas antes e já estivessem em fases muito avançadas. Mas é preocupante, entre outros motivos, porque, mesmo ativos cujos processos de venda não chegaram na assinatura do contrato estão com suas vendas apenas suspensas, e não canceladas, por mais que, em relação a parte desses ativos, como as refinarias ainda não privatizadas, a TBG e a PBIO, o Prates tenha expresso, em maior ou menor grau, que as quer no Sistema Petrobras e esteja atuando junto ao Cade pra que seja revisto o acordo em que a Petrobras se compromete a privatizar. Nos últimos anos, a maior parte dos ativos vendidos o foi sem que tenha sido realizada uma luta mais direta. Nenhuma greve foi sequer convocada em torno da colocação à venda da RLAM, por exemplo. A FUP preferiu tratativas com parlamentares, ações judiciais e afins e muita atividade midiática. E o novo governo, embora mantenha um discurso crítico à venda das refinarias, festejou investimentos prometidos pelos Emirados Árabes Unidos, a partir de viagem do Lula ao país da península arábica, pra produzir diesel "verde" na RLAM privatizada. Em entrevistas realizadas nos últimos dois anos, o Gabrielli, que já presidiu a Petrobras, disse que acha muito pouco provável que os ativos vendidos sejam retomados. O Prates e todo o setor de centro-esquerda do governo, inclusive no movimento sindical petroleiro (a FUP e os próximos à FUP fora dela), adotam um discurso ao mesmo tempo pra manter a esperança dos trabalhadores de que o privatismo vai terminar e pra que se dêem por satisfeitos se o governo e a presidência da empresa não colocarem nenhum ativo à venda, mesmo que não retomem nenhum ativo vendido e não desfaçam o cerne da privatização da lógica de funcionamento da empresa, dos seus valores, da sua missão, da sua cultura, do seu dia-a-dia prático. Nos dois primeiros governos do Lula e no primeiro governo da Dilma, a conciliação de classes e a política de cooptação e de domesticação do movimento sindical e dos trabalhadores foi forte. Isso prejudicou não apenas a luta contra a continuidade do privatismo, ainda que freada, assim como a luta contra o aprofundamento aceleradíssimo da privatização da Petrobras e da (re)colonização do Brasil.



O governo Lula atual é uma frente ampla que reúne setores de centro-esquerda, mas também de direita, tanto na figura do vice-presidente Alckmin quanto até mesmo de pessoas e partidos que fizeram parte do governo do Bolsonaro. Mesmo a parcela de centro-esquerda, pra além da já tradicional conciliação de classes, tem, por exemplo, na figura do Haddad queridinho da Faria Lima e no seu arcabouço fiscal aplaudido pelo presidente ultra-liberal do Banco Central Roberto Campos Neto, todo um setor bastante liberal. Não é só o Lira, cuja reeleição pra presidente da Câmara, aliás, recebeu apoio do PT, o culpado por medidas de direita/liberais do governo, por mais que o Lira seja nocivo e precise ser derrotado. Apesar de esforços do Lula contra a autonomia do Banco Central (autonomia em relação a decisões do governo não alinhadas ao liberalismo e em relação ao povo, mas sendo instrumento do grande capital, especialmente do grande capital financeiro), contra a altíssima taxa de juros aplicada pelo BC e contra toda a condução liberal feita pelo Campos Neto, o governo ainda tem restringido esses esforços à retórica, mais que à ação concreta. Esse esforço do Lula precisa ser apoiado, porque uma taxa de juros tão alta prejudica o desenvolvimento do Brasil e o povo. Mas o campo sindical precisa qualificar esse apoio, porque uma baixa, mesmo muito significativa, da taxa Selic, sem que esteja associada a outras medidas econômicas que vão num sentido diferente do arcabouço fiscal do Haddad, serve sobretudo ao grande capital industrial, e não tanto ao povo. O sindicato deve combater qualquer tentativa, direta ou indireta, de golpe, assim como a tentativa de emparedar qualquer política econômica capaz de melhorar a vida do povo. A Globo foi contra a reeleição do Bolsonaro, embora aplaudisse o Paulo Guedes. Foi contra porque o Bolsonaro não sabe comer com garfo e faca e porque ele, ainda que tentando agradar os liberais no plano econômico, colocou novamente em evidência, por mais que de modo distorcido, que as decisões sobre os rumos da sociedade não são técnicas, num sentido do mito da neutralidade da técnica, mas sobretudo políticas. Isso por mais que o Bolsonaro tentasse agradar os tecnocratas liberais. Mas a Globo, que não queria mais o fantoche Bolsonaro, aceita no máximo o social-liberalismo. De forma semelhante à forma pela qual buscou colocar uma coleira no Bolsonaro (rosne, cão raivoso, mas não ouse mexer no liberalismo), tenta cercar o Lula pra que não ouse sair do liberalismo e pra que sua política externa se alinhe aos

Estados Unidos. O sindicato precisa combater as críticas ao Lula feitas pela direita. Mas não deve se alinhar ao governo. Deve ter sua própria pauta e lutar por ela. Esse é o cerne. Atuar pra que o governo atenda a pauta dos trabalhadores e do povão. E construir o máximo possível do projeto de libertação dos trabalhadores em relação ao capitalismo, por mais que estejamos longe da superação do capitalismo. A todos que disserem que o sindicato deve se alinhar ao governo, devemos lembrar que o próprio Lula diz que devemos cobrar o governo e não dar tapinha nas costas. Mesmo em situações revolucionárias, das quais o governo está muito longe, é importante os trabalhadores se manterem em luta por suas pautas, por seu projeto, mais do que numa defesa genérica do governo. A revolução e a guerra civil na Espanha, no final dos anos 1930, mostra bem isso. Os setores que opuseram a luta contra os fascistas e a revolução acabaram facilitando o caminho do fascismo. No Chile dos anos 1970, o MIR se manteve à esquerda do governo do Allende, que era muito mais à esquerda do que o do Lula. Fez isso mesmo num cenário em que o risco de um golpe sério era muito maior do que no Brasil atual. Amplos setores da direita chilena, apoiados e insuflados pelos Estados Unidos, deram o golpe finalmente em 11 de setembro de 1973, após uma tentativa e toda uma campanha de desestabilização. O MIR alertou sempre o Allende sobre a importância de preparar mais o povo pra combater um golpe. Acreditar na chamada democracia (do sistema capitalista) não é bom pro campo dos trabalhadores. Defender as liberdades democráticas obtidas com muita luta é muito importante, mas acreditar na democracia é um erro. Os efusivos aplausos de setores da esquerda ao ministro do STF Alexandre de Moraes, por exemplo, em vez de se investir realmente na organização da própria classe O compromisso do sindicato deve ser com a luta dos trabalhadores e do povão, com um projeto realmente popular pro Brasil (e pro mundo).



O sindicato deve ter mapeado que o bolsonarismo e afins continuam fortes na sociedade. Deve combater essas vertentes, que são perigosas. Mas esses setores não são os mais fortes no capitalismo. Nem no mundo nem no Brasil. O

setor mais forte é o liberalismo capitalista, que ainda manda no país e em grande parte do mundo, com a hipocrisia de países como os Estados Unidos, que pregam a aplicação do liberalismo privatista em países como o Brasil, mas adotam políticas protecionistas (ainda que não consigam impedir a invasão de produtos chineses). Quando tudo for privatizado seremos privados de tudo. Esse é cerne da questão. Inclusive porque os fascismos são Frankensteins do liberalismo. Foi assim a partir da Crise de 1929, acarretando a Segunda Guerra Mundial, o maior conflito bélico da história, e continua sendo assim. O liberalismo está também na raiz do colonialismo. O genocídio operado no Congo no século XIX e até os anos 1960 (e, em parte, ainda hoje), primeiro pelo rei Leopoldo, da Bélgica, depois pelo Estado belga e suas grandes transnacionais mais concretamente, é um exemplo disso. O nazismo foi terrível. O colonialismo foi terrível. O rei Leopoldo causou um genocídio que não deve nada ao nazismo. Se o liberalismo não for derrotado, o fascismo continuará a ser um risco imenso. Hitler se inspirou bastante nos Estados Unidos. As chamadas democracias liberais ocidentais facilitaram a ascensão do nazi-fascismo pra que, entre outras tarefas, cumprisse a de ser um anteparo contra o avanço da URSS e até pra que atacasse a URSS. E os EUA só atenderam o pedido da URSS de abertura de uma segunda frente contra a Alemanha nazista quando a URSS já tinha infligido uma imensa derrota aos nazistas na Batalha de Stalingrado (o início do fim da Alemanha nazista). Os EUA só entraram na frente de batalha porque não permitiram que a Alemanha nazista ameaçasse o seu domínio e porque queriam evitar que o Exército Vermelho chegasse ao Atlântico. Por sua vez, quanto mais a URSS deixou de lado a revolução, mais facilitou que o capitalismo retomasse o seu território.

É importante termos isso em mente porque alguns setores mantêm um discurso de que o bolsonarismo é o maior perigo e que esse perigo é iminente e utilizam esse discurso pra travar qualquer tentativa de crítica pela esquerda ao atual governo e até pra rebaixar o que deve ser demandado ao atual governo. E, em última instância, pra deixarmos tranquilos os liberais não diretamente bolsonaristas ou mesmo anti-bolsonaristas. Ao longo do governo do Bolsonaro, inclusive, esse tipo de discurso foi muito utilizado pelos mesmos setores que o mantêm agora, na versão de não podermos "atrapalhar" a eleição do Lula (com Alckmin e tudo, agora elevado a companheiro) e até de que, se fizéssemos greve, haveria um golpe bolsonarista. Aqueles que, em 1964, afirmavam que não haveria golpe, porque o dispositivo militar do Jango garantiria o mandato erraram na época e erraram novamente quando afirmaram que a posse do Lula seria impedida por um golpe bolsonarista. Houve golpe em 1964 e a esquerda não estava preparada pra resistir, muito porque seus setores majoritários insistiram que os militares legalistas e os setores democráticos da burguesia nacional assegurariam a chamada democracia. E não houve golpe pra impedir a posse do Lula, por mais que os bolsonaristas tenham lançado mão de diversos artifícios pra vencer na marra a eleição e tenham organizado os atos de 8 de janeiro. Esses atos devem ser repudiados, como o sindicato

repudiou, e deve haver consequências, mas nitidamente não tinham força suficiente pra se tornarem um golpe com chance de vitória. A posse do Lula foi apoiada pelo Biden, pelo Macron, por outros mandatários da UE, pela Globo, por parte expressiva da grande burguesia no Brasil. Não é realmente permitido um golpe mais consistente no Brasil sem a autorização dos Estados Unidos. Dizer isso não é, de forma alguma, minimizar o perigo. Ele continua existindo. E tende a crescer se o governo do Lula não melhorar concretamente e significativamente a vida cotidiana do povo. E a Petrobras é central pra isso. Dizer isso é buscar ser bem criterioso na caracterização do cenário. Porque, se, por um lado, minimizar o risco seria um grave erro, vê-lo maior do que é e, sobretudo, pintá-lo maior do que é, mesmo não necessariamente o vendo assim, também é ruim, pois, entre outros problemas, tende a inibir a ação mais à esquerda, pois subordina tudo à luta contra o "fascismo". E mais: subordina tudo à luta eleitoral contra o "fascismo", inclusive defendendo que, na frente ampla, tenha pessoas e instituições que fizeram parte do governo "fascista". Setores da centro-esquerda e também da centro-direita e mesmo da direita adoram odiar o Bolsonaro. Vêem nele uma utilidade de mercado político. Tudo menos Bolsonaro como consigna, defende uma parcela. Nesse tudo, os liberais se safam, contanto que não arrotem à mesa. Uma parcela até critica os liberais, mas faz de tudo pra que o foco continue sobre Bolsonaro e má companhia.

O liberalismo, fora e dentro da Petrobras, tem vários gestores. Mas o principal é a tecnocracia mais direta. Aquela que costuma estar na sombra, que perpassa todos os governos, que está instalada em grande parte da hierarquia e que tem vaga quase cativa em praticamente todos os setores do Sistema Petrobras. O discurso, em suas várias roupagens, mais ou menos disfarçado, de que a técnica é neutra e de que as decisões devem ser técnicas, de que a política, no sentido macro, atrapalha, é a varinha-mágica do privatismo. Esse discurso, mesmo quando não aparente na superfície, está muito naturalizado.



O cenário internacional mais geral é de imensa disputa entre o atlantismo, liderado pelos Estados Unidos, com seus poodles da União Européia, e o projeto eurasiático, liderado pela aliança estratégica China-Rússia. Os EUA não vão largar o osso por conta própria e provavelmente vão até entrar numa fase de especial desespero, especialmente perigosa, tendo em vista que uma guerra nuclear de grandes proporções significaria a extinção da vida humana no planeta. O Brasil não deve se alinhar a nenhum dos dois, mas deve reforçar o projeto geopolítico de mundo multipolar, em que o país deve ser um dos grandes polos, reforçando a luta contra o imperialismo usamericano e se empenhando pra integração latino-americana, na qual a integração energética tem papel de grande relevo. Deve se esforçar também na luta pela soberania popular. Nas décadas de 1940 e 1950, o governo do Getúlio Vargas agiu a partir do contexto internacional de forma a industrializar o país. A Petrobrás foi criada como parte fundamental desse esforço. Agora, precisa ir além. A transição energética precisa ser feita com soberania popular. O sindicato é muito importante pra que o povo construa sua própria linha internacional.

Resumos de alguns pontos:

Independência de classe -> o governo do Lula atual é uma frente ampla, com centro-esquerda, mas também centro-direita e até direita mesmo, inclusive pessoas e instituições que participaram do governo do Bolsonaro. Tem privatistas de diversos matizes. Está longe de ser um governo dos trabalhadores. Mesmo nessa configuração, é muito melhor do que o do Bolsonaro e seu mandato precisa ser defendido em relação a qualquer tentativa de golpe, seja direto ou indireto. Assim como deve ser combatida qualquer tentativa de emparedar pra que não saia do social-liberalismo. Mas o sindicato não deve se alinhar ao governo, nem de forma aberta nem de maneira disfarçada. Deve se manter em luta pela pauta sindical e popular em geral. Uma Petrobrás do povo, pro povo e com o povo ser o nosso horizonte. O principal inimigo são os grandes capitalistas e o imperialismo, especialmente na vertente liberal. Os fascismos são Frankensteins do liberalismo capitalista. Se não combatermos seriamente o liberalismo capitalista, os fascismos permanecerão como um risco elevado. A luta contra a tecnocracia e o mito da neutralidade da técnica é fundamental nesse contexto, pois, entre outros aspectos, o privatismo se apóia muito nesse discurso. A tecnocracia, especialmente a liberal privatista (tanto privatista diretamente quanto disfarçada) perpassa governos ocupando grande parte da hierarquia e dos setores da empresa e são um problema pra qualquer projeto realmente emancipador. O combate à lógica do espetáculo também precisa ter destaque. O sindicato precisa saber jogar no terreno da sociedade do espetáculo (por exemplo, seria interessante criar uma fábrica de memes petroleiros), mas não deve, de forma alguma, cair na armadilha de se confundir com essa lógica, de se tornar espetáculo também, pois o espetáculo, no fundo, é da lógica do capital. A política que se faz na lógica de meme é, no fundo,

a favor do capital. A luta contra a cooptação do movimento sindical faz parte da luta pela independência de classe.

Unidade -> não existe no abstrato. É importante no sentido de que o máximo de gente lute conjuntamente. Mas deve se dar em torno da luta concreta, e não unidade pela unidade e menos ainda pra facilitar o desmonte das lutas. Unidade não deve ser uniformidade. Não deve ser a imposição de uma linha. O sindicato deve manter a sua autonomia no movimento sindical em geral e petroleiro de modo específico. A FUP é parte do governo e da hierarquia da empresa. A unidade na luta concreta é importante, mas, pra ser mais efetiva, deve ser construída de forma que a pluralidade seja garantida. Isso passa pelo direito ao debate público sobre os rumos da luta e por um comando eleito em assembleias. A unidade deve ser buscada nos termos elencados, mas devemos nos preparar pro cenário de outros não quererem realmente unidade, apenas uniformidade. Devemos atuar pra sermos capazes, se for necessário (não como primeira escolha) fazermos uma luta mais direta e firme acompanhados de menos setores. A unidade precisa ser (e muito) com o povão. Nesse sentido, é fundamental o sindicato continuar o trabalho de base que vem realizando em favelas e outros espaços de periferia.

Cenário internacional -> imensa disputa entre o atlantismo, liderado pelos Estados Unidos, com seus poodles da União Européia, e o projeto eurasiático, liderado pela aliança estratégica China-Rússia. Os EUA não vão largar o osso por conta própria e provavelmente vão até entrar numa fase de especial desespero, especialmente perigosa, tendo em vista que uma guerra nuclear de grandes proporções significaria a extinção da vida humana no planeta. O Brasil não deve se alinhar a nenhum dos dois, mas deve reforçar o projeto geopolítico de mundo multipolar, em que o país deve ser um dos grandes polos, reforçando a luta contra o imperialismo usamericano e se empenhando pra integração latino-americana, na qual a integração energética tem papel de grande relevo. Deve se esforçar também na luta pela soberania popular. Nas décadas de 1940 e 1950, o governo do Getúlio Vargas agiu a partir do contexto internacional de forma a industrializar o país. A Petrobrás foi criada como parte fundamental desse esforço. Agora, precisa ir além. A transição energética precisa ser feita com soberania popular. O sindicato é muito importante pra que o povo construa sua própria linha internacional.

Algumas propostas de pauta:

Cláusula sobre o Esquema de Compensação Imposta de Horas

A companhia não praticará mais o esquema de compensação imposta de horas relativo à véspera do Natal e do Ano Novo e à tarde da Quarta-feira de Cinzas, assim como em dias de jogo do Brasil em Copas do Mundo de futebol e em outros eventos do tipo.

A companhia fornecerá a todos os empregados um relatório especificando quais horas do seu balanço de horas estão como relativas às datas do esquema de compensação imposta de horas. O objetivo é facilitar a verificação de cobranças indevidas (por exemplo: quem estava em férias, licença médica, maternidade, paternidade, sem vencimentos, liberado para diretoria de sindicato...).

A companhia cancelará a cobrança dessas horas relativas aos anos de 2019 a 2022 e devolverá essas horas aos empregados descontados.

Caso a cobrança dessas horas tenha resultado em desconto financeiro, a companhia devolverá o correspondente aos empregados atingidos.

A companhia vai liberar os empregados do regime administrativo, tanto flexível quanto fixo, na véspera do Natal e do Ano Novo e na tarde da Quarta-feira de Cinzas. Os empregados de outros regimes, de cujo trabalho, por sua característica, a empresa necessitar nesses dias terão direito a dois dias e meio de folga, a serem usufruídos de modo combinado com a gerência local. Em situações como jogos do Brasil em Copas do Mundo, a companhia dará opção aos empregados do regime administrativo, tanto flexível quanto fixo, de trabalhar e não precisar compensar ou se ausentar e compensar, e manterá, de qualquer forma, condições, em todas as suas unidades, para que os jogos possam ser assistidos na própria empresa.

Cláusula sobre a Valorização das Habilidades e Vontades dos Trabalhadores

As qualidades e potencialidades de cada trabalhador devem ser realmente valorizadas e levadas em consideração a fundo nas suas alocações e na definição das suas tarefas, e não encaixar todo mundo em fôrmulas pré-fabricadas e excessivamente restritivas.

Cláusula sobre Diferença entre a Menor e a Maior Remuneração

A diferença entre a menor e a maior remuneração na companhia não poderá exceder 5 vezes. Se entende por remuneração tudo o que o empregado recebe a título de remuneração, somando as partes fixas e as partes variáveis.

Nenhum trabalhador terceirizado terá uma remuneração menor do que a remuneração do menor nível no Sistema Petrobras.

Cláusula sobre Acompanhamento de Pais e Mães em Médicos

Os períodos em que os empregados estiverem acompanhando pais ou mães em médicos serão abonados no acerto de frequência, mediante apresentação de atestado, em casos de

doenças ou acidentes graves ou de dependência dos pais ou mães para se locomoverem ou em termos de cognição.

Em caso de internação prolongada de pais ou mães nas condições descritas, os empregados terão direito à redução da carga horária, sem redução da remuneração, e à redução da carga de trabalho, sem prejuízo na avaliação de desempenho. Nesse tipo de caso, os empregados terão direito ao teletrabalho integral.

Em caso de doença grave e prolongada de pais ou mães, os empregados terão direito a uma licença de até 1 ano, sendo metade remunerada e metade sem vencimentos.

Cláusula sobre Auxílio Creche/Acompanhante

[...]

Parágrafo 4º - A partir de 3 (três) até 36 (trinta e seis) meses de idade da criança, o Auxílio Acompanhante será concedido pela Companhia, sob a forma de reembolso parcial, de acordo com a tabela de Auxílio Acompanhante elaborada pela Companhia, para empregadas com filho(a) e/ou menor sob guarda, em processo de adoção e empregados solteiros, viúvos, separados judicialmente ou divorciados com a guarda de filho(a), em decorrência de sentença judicial e/ou menor sob guarda em processo de adoção. Também fazem jus a esse benefício empregados casados com filho e/ou menor sob guarda ou em processo de adoção, de acordo com os seguintes cenários:

- 1) O empregado é casado e a esposa não trabalha fora.
- 2) O empregado é casado e a esposa trabalha mas não na Petrobras e no trabalho dela não tem esse direito.
- 3) O empregado é casado e a esposa trabalha na Petrobras também. Nesse caso, a família pode escolher quem vai usufruir do benefício, sendo a prioridade da mãe.

Cláusula sobre Acompanhamento de Filhos em Médicos

Os períodos em que os empregados estiverem acompanhando seus filhos em médicos e situações afins (consultas, emergências, internações, situações em que a criança e o adolescente precisam de cuidados em casa, dentistas, vacinações...) serão abonados no acerto de frequência, mediante apresentação de atestado.

Em caso de internação prolongada de filhos, os empregados terão direito à redução da carga horária, sem redução da remuneração, e à redução da carga de trabalho, sem prejuízo na avaliação de desempenho. Nesse tipo de caso, os empregados terão direito ao teletrabalho integral.

Em caso de doença grave e prolongada de filhos, os empregados terão direito a uma licença de até 1 ano, sendo metade remunerada e metade sem vencimentos.

A licença não remunerada será garantida se a doença grave de filhos ultrapassar 1 ano.

Cláusula sobre Aquisição de Alimentos

A companhia deve garantir que no mínimo 45% das compras de alimentos dos restaurantes em suas unidades sejam agroecológicos de origem da agricultura camponesa/familiar através das entidades associativas e cooperativas dos camponeses e agricultores familiares que os representam.

A companhia vai reativar restaurantes nas unidades onde os fechou. Prioritariamente, serão restaurantes da própria Petrobras, e não uma empresa contratada. Caso a opção seja por contratar, vão ser priorizadas cooperativas. Nesses restaurantes, vai ser aplicada a política de garantia de pelo menos 45% das compras de alimentos agroecológicos de origem da agricultura camponesa/familiar através das entidades associativas e cooperativas dos camponeses e agricultores familiares que os representam.

Os restaurantes deverão ser reativados mesmo com o vale alimentação/refeição. Serão uma opção. Os trabalhadores podem escolher não receber o vale refeição (mantendo o vale alimentação) e comer gratuitamente nesses restaurantes ou continuar recebendo o vale refeição e poder utilizá-lo nesses restaurantes.

Os trabalhadores terceirizados poderão comer gratuitamente nesses restaurantes se escolherem não receber o vale refeição (e podendo receber vale alimentação) ou utilizar seu vale refeição nesses restaurantes.

A companhia vai reservar um espaço em todos os seus empreendimentos para o cultivo de alimentos agroecológicos.

MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAL - A companhia garante a liberação para movimentação de empregado, por interesse próprio, salvo na hipótese de concurso regional, durante a vigência do respectivo edital.

§ 1º – A companhia informará, mensalmente, a cada sindicato, a movimentação de pessoal ocorrida em sua base territorial.

§ 2º – Será assegurado ao empregado movimentação a qualquer outro órgão da companhia, sem perda dos benefícios ou direitos adquiridos durante o tempo na empresa, observando os preceitos da cláusula 86 – Efetivo de Pessoal.

§ 3º - As vagas que estiverem aprovadas para preenchimento por processo seletivo em andamento serão primeiro redistribuídas entre os empregados já na empresa, que poderão se candidatar a elas. Somente após este processo serão oferecidas vagas aos empregados que estiverem ingressando na companhia.

§ 4º - Todo empregado próprio, após a permanência mínima de 3 (três) anos em determinada lotação, será automaticamente liberado para movimentação.

§ 5º - A companhia manterá um arquivo interno com currículos atualizados dos empregados que cumpriram a condição de que trata o parágrafo anterior e que desejam a transferência, para qualquer setor da companhia analisar os perfis diante de uma possível solicitação.

PROCESSO DECISÓRIO NO SISTEMA PETROBRÁS - A Petrobrás implantará um sistema de gestão em que os trabalhadores terão grande peso na escolha do presidente, diretores, gerentes e coordenadores, bem como nas principais decisões da empresa, da seguinte maneira:

- o presidente da Petrobrás será eleito da seguinte forma: em eleição direta pelos trabalhadores próprios da empresa, processo que definirá uma lista triplíce com os candidatos mais votados;

- a lista será submetida ao Ministério das Minas e Energia, que deliberará sobre qual dos candidatos será empossado, dando preferência aos mais votados;

- os diretores serão eleitos de forma análoga, posteriormente à posse do presidente, pelos trabalhadores lotados na respectiva diretoria;

- as listas triplíces serão submetidas ao/à presidente da Petrobrás, que deliberará sobre os empossados, dando preferência aos mais votados;

- os demais cargos gerenciais e de coordenação serão escolhidos em eleição direta simples.

Parágrafo 1 – As eleições ocorrerão dentro dos quatro meses seguintes à posse do presidente da República;

Parágrafo 2 – Poderão concorrer às diretorias, gerências e coordenações somente os trabalhadores próprios da Petrobrás; poderão concorrer à presidência da Petrobrás os brasileiros aptos a concorrer a cargos eletivos majoritários, dando preferência aos petroleiros concursados;

Parágrafo 3 – As principais decisões do presidente, diretores, gerentes e coordenadores deverão ser tomadas em assembleias, que terão a seguinte periodicidade: 6 meses – assembleia geral da Petrobrás, onde todos os trabalhadores poderiam participar, tanto próprios quanto terceirizados; a participação se daria por meio de representantes escolhidos entre os trabalhadores de cada estado; 3 meses – assembleia das diretorias; 1 mês – assembleias nas gerências e coordenações;

Parágrafo 4 – A Petrobrás instituirá, assim que esta cláusula for implementada, um grupo de trabalho paritário, entre empresa e sindicatos, que avaliará a melhoria constante do

sistema. Esse modelo será estimulado em todo o Sistema Petrobrás



PBIO

ACT

- Reparação de perdas salariais com o reajuste diferenciado (a menor) de 2022.
- PLR e PPP apurado e distribuído em conjunto com o Sistema petrobras.
- Apuração de resultado do Saúde Petrobras em conjunto com o Sistema Petrobras.
- Retorno da possibilidade dos funcionários da PBIO ao Programa Mobiliza
- Licença de saúde remunerada para cuidar de parentes diretos (cônjuge, filhos, mãe e pai) em caso de doenças graves. Exemplo: 60 dias a cada 2 anos.
- Horas extras normais 100%
- Solução para as questões de pagamento de horas pelos dias 24 e 31/12 e 4ª feira de cinzas.

POSSIBILIDADES

- Incorporação
- Oficialização do término do processo de desinvestimento da PBIO.

Licença para acompanhar parentes de primeiro grau doentes, de até 02 meses; como temos para os servidores federais. Renovada a cada 2 anos

O principal problema da saúde é "dar um jeito" pro empregado poder acompanhar mulher, marido e ou filho doentes

O q é um drama em casos graves, como derrames, infartos, tratamentos de câncer

Nova redação para Cláusula de Excedente de Pessoal no ACT:

"A Companhia assegura, nos casos em que haja excedente de pessoal decorrente de reestruturações e/ou redução de

atividades, realocar o pessoal em outras unidades da Companhia, mantendo o regime de trabalho conforme interesse do empregado, promovendo treinamento e requalificação quando necessário e levando em consideração a preservação familiar dos empregados envolvidos. A Companhia assegura também que, em caso de hibernação ou venda, realocará o pessoal na Petrobras controladora."

Pauta pro ACT 2023

Pra TBG:

- 1) Implantação retroativa a data implantada na Petrobras com pagamento dos atrasados... do projeto ênfase com novos níveis Master nos cargos do concurso
- 2) aplicação do ANPR retroativo com pagamento dos atrasados por tempo de serviço igual a petrobras que esteve suspenso pelo projeto privatista.
- 3) restaurar o valor da PLR para pelo menos 3 salários como era antes, hoje não passa de 1 salário.
- 4) PLR extensiva a todos inclusive aos que têm funções gratificadas
- 5) PDS não deve ser descontado a antecipação caso não atinja as metas individuais, afinal se atingiu a meta corporativa todos têm direito a alguma coisa, mesmo mínima dos 30% da antecipação. E não como foi em 2022 que estamos sendo descontados por 1 ano ficando com menos de 40% do salário como líquido.
- 6) incorporação na Petrobras para os concursados da TBG que desejarem migrar para a matriz definitivamente, pois muitos sempre trabalharam na Petrobras e por conta do projeto privatista foram obrigados a retornar pra TBG.
- 7) Retorno da possibilidade de empréstimo na petros, pois desde o projeto privatista estamos impedidos de fazer novos empréstimos mesmo com margem disponível.

Acredito que a isonomia define a grande reivindicação dos empregados da TBG. Não podemos mais ter práticas distintas quando falamos de pagamento de PDS e PLR. Equalização das nomenclaturas na tabela de cargos e outros aspectos que possam representar para os empregados da TBG abrir a igualdade com os da Petrobras

Revisão completa do Plafort, feita com ampla participação dos sindicatos e dos trabalhadores de chão de fábrica e chão de escritório, e reposição do efetivo, considerando que é importante ter uma camada suplementar de empregados do que a quantidade reposta, pois precisa ser levado em conta férias, licenças (inclusive prolongadas), aumento sazonal de demanda e cansaço, entre outras questões.

Deixar claro que empregados PCDs que necessitam de cuidadores pra atividades da vida diária devem fazer jus a um reembolso para esse dispendioso custeio. Que a empresa cumpra esse direito.

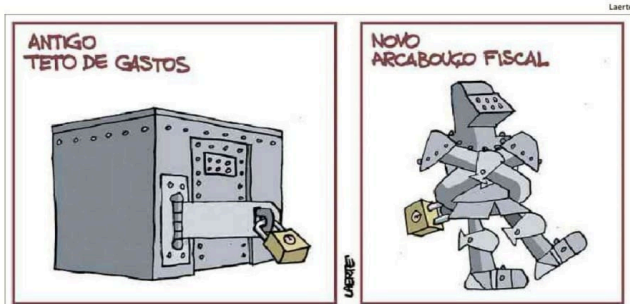
Combate realmente ao assédio sexual, ao assédio moral e a outras formas de violência psicológica no Sistema Petrobras

Não haverá demissão sem justa causa na vigência do acordo.

Não será feita nenhuma demissão por justa causa envolvendo desempenho na vigência do acordo.

Alguns pontos pro Planejamento Estratégico da Petrobras:

- 1) Criação de um Fórum permanente de debate sobre planejamento estratégico com os sindicatos
- 2) Apresentação sobre planejamento estratégico de transição energética justa e responsável
- 3) Universidade Petrobras (retomar realmente, ampliá-la e democratizá-la, com participação sindical)
- 4) Programa de visitas (pro público interno e pro público externo - aos poucos, todos os trabalhadores petroleiros devem ter a oportunidade concreta e organizada de conhecer a empresa pelo país)
- 5) Programa de intercâmbio pra conhecermos bem empresas de energia de outros países, especialmente dos Brics.
- 6) Democratização da Petrobras (eleição pra integrantes da hierarquia - universidades públicas, Fiocruz...)
- 7) Sair da Bolsa de Nova Iorque e pelo menos aumentar sensivelmente a participação do Estado brasileiro na composição acionária da Petrobras, com vistas a torná-la 100% estatal e pública, tendo como horizonte ser uma empresa controlada pelo povo trabalhador
- 8) Mudança drástica da política de dividendos, favorecendo investimentos na empresa
- 9) Incorporação de subsidiárias (Transpetro, P BIO, na medida do possível a TBG...)



10) Autossuficiência em derivados

11) Aproximação entre a Petrobras e a Eletrobras (de preferência, reestatizada)

12) Retomada de ativos vendidos, especialmente refinarias, NTS, TAG, Liqueficação, BR...

13) As qualidades e potencialidades de cada trabalhador devem ser realmente valorizadas e levadas em consideração a fundo nas suas alocações e na definição das suas tarefas, e não encaixar todo mundo em fôrmas pré-fabricadas e excessivamente restritivas



O trenzinho caipira e outros trens do povão

A bordo do Trenzinho Caipira, seu Petrolino contemplava o Brasil profundo do interior (do seu coração). Com o vento acariciando o seu rosto, fechou os olhos enquanto (ou)via a paisagem. Sonhou o sonho que sempre sonhou. Inspirou(-se). Villa-Lobos regendo as cordas da sua expiração. O povão regendo o Villa-Lobos. Na partitura, o eco de quem plantou e o horizonte de quem vai colher. Mundo, mundo, vasto mundo, a rima é a solução. Clave de sol de cada dia o nosso pão. Saboreando doce de leite, seu Petrolino segura o pequeno barril com petróleo que sempre levava na bagagem e sorri. Apesar de amargar muitas derrotas, mantém doce a esperança. O Brasil é um sonho no pesadelo Brazil. Seu Petrolino não desiste do Brasil. Por isso, dribla e luta contra o Brazil. A Petrobrás (do povo, pro povo e com o povo) dos seus sonhos e das suas lutas é a embaixadinha do povão campeão.

Em cada estação, seu Petrolino conversa com um passageiro. Parece sempre sentado numa cadeira de balanço quando (con)versa. Tem paciência pra contar com entusiasmo os caminhos que percorreu, fazendo o Brasil. Sempre junto com outros petrolinos e severinos, com tantas marias e petrolinas. Hospitaleiro, sempre oferece doce de letra na sua prosa. E sopa de letrinhas na sua poesia. Fala fotos em preto-e-branco e revela filmes coloridos. A saudade corta como aço de navaia, mas os óio se enche d'água mesmo com o belo horizonte que pode ser o povo brasileiro. Quando se (re)encontrar com o seu sonho. Sorrindo de mãos calejadas dadas a calejadas mãos de outros povos num mundo onde cabem vários mundos. E assim seu Petrolino vai dedilhando história(s).

Na estação Ferroviária, uma francesinha com unhas bem feitas subiu no trem. Marianne não conseguia pronunciar Araraquara sem sotaque, mas era uma revolução em pessoa. Na sua gargantilha, 1789 bras nus beijavam 1871 communards. Ela não aceitava que a “república” no seu país colocasse a liberdade-igualdade-fraternidade em sucessivas Bastilhas, e estava sempre disposta a derrubar as prisões com canhões da marca 18 de março. Mademoiselle Marianne e seu Petrolino cantaram juntos La Communarde. Antes de se darem até breve, seu Petrolino aconselhou: “se quiser falar brasileiro, coma brigadeiro, macio e delicioso como a nossa mais terna canção de ninar”. E, mostrando-lhe o barrilzinho com petróleo, disse: “o petróleo é nosso”.

No Planalto Central, entrou no seu vagão um rapaz genial. Ouviu atentamente Vide Vida Marvada, que seu Petrolino estava ouvindo num radinho de pilha de 1953. Elogiou a canção. E pediu pra mostrar uma canção que ele próprio havia acabado de compor. “É um cordel da cidade grande, um baião de rock, um Lusíadas moderno do nosso povo; nosso Faroeste Caboclo”. “Vamu, fio. Quero ouvi”. Os dois cantaram juntos. “Precisamos mesmo ser um pouco João de Santo Cristo”, comentou seu Petrolino, bestificado com a genialidade da canção como o próprio João de Santo Cristo ficara quando foi chegando em Brasília. “Meu Deus, mas que viagem linda, com o Russo eu recomeço a cantar”, se empolgou. Se abraçaram. Seu Petrolino sabia da importância de ser um fio condutor da revolução brasileira. Entregar a memória às novas gerações e receber delas a próxima chama pra continuar escrevendo as suas memórias (do futuro). Embalado pelo faroeste caboclo do cotidiano, suas palavras eram ao mesmo tempo amorosas como os olhares entre João de Santo Cristo e Maria Lúcia e uma Winchester 22 em frente ao lote 14 da Ceilândia.

Foi então que seu Petrolino conheceu o russo Yuri. O nome era por causa do cosmonauta soviético Yuri Gagarin. Porque ele viu o mundo fazendo muitas revoluções. Fãs de futebol, conversaram sobre a Copa de 1958. Yuri elogiou o time da URSS, mas admitiu que nem mesmo Yashin poderia parar o esquadrão de ouro com Didi, Vavá, Pelé, Garrincha e companhia, que sambava com a bola no pé. Seu Petrolino concordou. Comentou: “o futebol é como o socialismo: a ciência é fundamental, mas sem arte nenhum dos dois viveria pra sempre no coração de multidões. O futebol é (p)arte do nosso socialismo, e assim como reinventamos o futebol, precisamos (re)criar nossa própria revolução. Vocês têm Yuri Gagarin, nós somos Yuri Gagarrincha”. O russo, que também já gostava do Russo do João de Santo Cristo, sorriu e propôs: “cantemos e dancemos juntos os forró que nos unem pelo Pagode Russo, do Luiz Gonzaga. O vagão todo veio participar. “Ontem eu sonhei que estava em Moscou/ Dançando pagode russo na boate Cossacou/ Ontem eu sonhei que estava em Moscou/ Dançando pagode russo na boate Cossacou/ Parecia até um frevo naquele cai e não cai/ Parecia até um frevo naquele vai e não vai/ Parecia até um frevo naquele cai e não cai/ Parecia até um frevo naquele vai e não vai/ Vem cá cossaco, cossaco dança agora/ Na dança do cossaco, não fica

cossaco fora/ Vem cá cossaco, cossaco dança agora/ Na dança do cossaco, não fica cossaco fora”. E assim ficaram, por longas horas, como numa Transiberiana do continente Brasil, sem ver o tempo passar.

Chegaram em Petrolina. Nessa estação, seu Petrolino se sentia especialmente em casa. Ligou a vitrola das recordações da sua infância. Fez a sesta deixando ecoar no horizonte do seu ser o repente que sempre orientou os seus passos: “Quando tudo começou/ O Criador pensou bem/ Só Ele pode dizer/ De onde a poesia vem/ E que quando Ele fez o mundo/ Fez poesia também/ Nossa poesia vem/ Como flor na ventania/ Pra mim poesia e Deus/ Nasceram no mesmo dia/ Enquanto Deus existir/ Existirá poesia/ Essa doce melodia/ É pura igualmente à flor/ Perene como uma fonte/ Irmã gêmea do amor/ E por isso também faz parte/ Das obras do Criador/

Eu não vejo a sua cor/ Mas me orgulho por tê-la/ No jardim é rosa virgem/ No espaço é uma estrela/ Peça que nós somos donos/ E os olhos não podem vê-la/ Poesia é a estrela/ Herdada na Antiguidade/ Nasceu do parto da luz/ E dóida como a saudade/ Ninguém mais tem o direito/ De saber da sua idade/ Poesia é a saudade/ Da dor da separação/ Nasce no pomar do peito/ Para fazer germinação/ Peça abstrata que enfeita/ O museu do coração/ Foi na Grécia a inspiração/ Nos tempos anteriores/ Na Europa fez história/ Dos antigos trovadores/ E no Nordeste é a vida/ Dos poetas cantadores/ Poesia, uma das flores/ Que só Deus beija a corola/ Jóia que a mão não segura/ Se aprende sem escola/ Imagem que a gente amarra/ Com dez cordas de viola”.

Dos sertões, o trenzinho foi seguindo viagem, e em cada estação mais gente ouvia as histórias musicadas do seu Petrolino. Agora, todos já cantavam juntos e o trenzinho parecia avançar pela força do coral. O trenzinho agora era de todos. Todos maltratados pelo Brasil. Todos em luta contra o Brasil. Todos semeando o Brasil. Brasil x Brasil. O povão chamado Brasil construindo com suas próprias mãos o sonho Brasil. Pra saboreá-lo como um delicioso doce de leite. Quem fazia o trenzinho funcionar era cada caipira do campo e da cidade, tanto os que viajavam nele quanto os das cidadezinhas e das cidades grandes por onde ele passava. E a cada estação ficava mais nítido pra todos que eles é que faziam funcionar o trenzinho e cada estação. E que a boa conjugação entre o trabalho de cada um e o trabalho de todos, cada um se esforçando por todos e todos se responsabilizando por cada um, era a chave do refrão que cantavam enquanto construíam cada estação da sua estrada de ferro e de sonhos: “E assim já ninguém chora mais/ Ninguém tira o pão de ninguém/ O chão onde pisava o boi/ É feijão e arroz, capim já não convém”. Mas o Brasil detesta o trenzinho caipira. Faz e fará de tudo pra destruí-lo. O povo do trenzinho só quer viver o seu caminho, mas sabe que ou enfrenta o Brasil ou o Brasil sonhado nunca vai florescer.

Ao longo do percurso, seu Petrolino vai mostrando aos companheiros a importância da Petrobras pra que o Brasil sonhado seja viável. Sem soberania energética, nenhum projeto popular vai conseguir realmente iluminar o Brasilão sem fim. Por isso, é tão importante lutarmos contra a privatização da Petrobras. Como ela já está muito privatizada e como a privatização atropela os trabalhadores e a nação popular, esfaqueando diariamente o Brasil, é urgente os petroleiros e o conjunto do povo trabalhador se transformarem numa grande muralha pra impedir que o território petroleiro seja completamente dominado. Mas isso não basta. Vai ser necessário recuperar cada parte arrancada do território petroleiro. E da revolução brasileira terá que fazer parte a revolução petroleira. Precisamos de uma Petrobrás do povo, pro povo e com o povo. Isso passa pela indispensável descolonização da Petrobrás. O Brasil coloniza. O Brasil descoloniza. A Petrobrás precisa ser o trenzinho caipira do Brasil. Seu Petrolino escreve essas palavras na partitura esculpida por seus companheiros.

Próxima estação: Central do Brasil. Na periferia. A periferia é o centro. O trem estava lotado. A multidão era sacudida no batidão: “Era só mais um Silva que a estrela não brilha/ Ele era funkeiro mas era pai de família...”. De repente, o rap(ente) chegou também, num outro trem boladão: Negro Drama. E mais outros trens, uais e outros sotaques desse mundão chamado periferias do Brasil. Firmeza total. Bonde da revolução. Avenida Suburbana é o caminho trilhado. A Petrobrás é a grande Central do Brasil e precisamos fazê-la ser Suburbana. Precisamos passar o trenzinho caipira e todos os outros trens do povão pela estação Petrobrás. E fazer a Petrobrás entrar nesses trens pra não perder o bonde da história. Só assim pode ser transformada no trenzinho caipira no coração de todos os trens populares do Brasil.

Nesse caminho, “palavras abrirão caminhos por entre os espinhos“. E palavras são feitas de ação.

Antony Devalle é trabalhador da Petrobrás e integrante do grupo autônomo de trabalhadores petroleiros Inimigos do Rei. É um dos fundadores e editores do Portal Autônomo de Ciências.

Publicado em 2 de junho de 2020 em <http://cienciaeautonomia.org/2020/06/o-trenzinho-caipira-e-outros-trens-do-povao/>

Michel Arruda, Roberto Emery, Erick Alves, Antony Devalle, Igor Mendes, Alex Parada, Monique Pegado, Sérgio Pope, Ayrton de la Cruz e Humberto Lima.